

OURO NO COMPLEXO BOSSOROCA - RS

Ronaldo Mossmann¹;

¹ Departamento Nacional de Produção Mineral- RS

RESUMO: A área do Bloco Bossoroca localizada na Folha Passo do Salsinho (1:50.000), compreende predominantemente os municípios de Vila Nova do Sul e São Sepé e dista aproximadamente 230 km da cidade de Porto Alegre, sendo a principal via de acesso a BR- 290 que atravessa longitudinalmente as áreas e liga a capital do Estado a cidade de Uruguaiana no seu extremo oeste. O Complexo Bossoroca foi definido como uma unidade petroectônica neoproterozóica do Cinturão Vila Nova e situa-se na parte NW do Escudo Sul Riograndense que por sua vez está inserido na porção meridional da Província Mantiqueira. Sua geologia está representada por duas sequências, Arroio Lajeado e Campestre, que fazem parte de uma associação de arco magmático e ofiolitos vinculados a uma bacia marginal. Estas sequências são intrudidas por granitos pós-tectônicos: São Sepé, Cerro da Cria e Ramada que caracterizam um magmatismo ácido alcalino de idade brasileira, basicamente formada por sienos e monzogranitos. A sequência inferior, Arroio Lajeado, consiste de rochas ultrabásicas predominantemente, representadas por corpos de serpentinitos envolvidos por xistos magnesianos e rochas básicas (gabros e anfibolitos), além de finos níveis carbonosos, metacherts e formações ferríferas. A sequência Campestre, superior, subdivide-se em duas associações de rochas intercaladas, uma metassedimentar e outra metavulcânica. A associação metassedimentar está caracterizada pelo predomínio de xistos pelíticos e secundariamente xistos quartzo-feldspáticos e quartzitos. A associação metavulcânica é constituída predominantemente por rochas metavulcanoclásticas com intercalações subordinadas de rochas porfíricas resultantes de derrames de lavas de composição andesítica. Esporadicamente ocorrem intercalações de rochas epiclásticas, representadas por metaconglomerados, metapelitos arenosos e carbonosos. Alguns autores caracterizam estas rochas como de composição basáltica à dacítica com afinidade calcialcalina. Essas sequências apresentam metamorfismo regional variando das fácies xisto verde a anfibolito. Os trends estruturais de foliação, dobramentos, falhamentos e cisalhamentos possuem uma orientação predominantemente NNE-SSW. As mineralizações auríferas correspondem basicamente a filões de quartzo, tectonicamente associados a zonas de cisalhamento com alterações hidrotermais (sericitização, cloritização, carbonatação e silicificação). O ouro está geralmente incluso na pirita que é o sulfeto mais comum. Calcopirita ocorre mais raramente. As encaixantes dos veios auríferos, em sua grande maioria, são constituídas por rochas metavulcanoclásticas da Sequência Campestre (Minas Bossoroca, Viúva Guerra Duval, Cerrito do Ouro, Lavrinha, Guardinha e Juliana), existindo apenas uma única ocorrência associada ao Granito São Sepé (Mina Estuque). Todas as ocorrências auríferas possuem origem primária, exceção da Mina Juliana, associada à colúvio/elúvio desenvolvidos em hornfels. As Minas Bossoroca e Cerrito do Ouro foram mineradas a céu aberto desde o início do século passado de maneira intermitente até meados dos anos 80 e encontram-se paralisadas atualmente. Em ambas as mineralizações estão contidas em veios de quartzo que cortam a unidade metavulcanoclastica. Na Mina Bossoroca o veio de 350mx0,5m de atitude N45°E/ 30°SE, possui teores médios de 10g/t Au. Cerrito do Ouro apresenta três veios sendo o principal com 100mx5m e atitude de N20°W/80°W com teores de 6g/t Au

PALAVRAS CHAVE: OURO, BOSSOROCA, RIO GRANDE DO SUL